



O BALAENICEPS REX.

ESTA ave, recentemente descoberta na costa occidental de Africa por mr. Gould, ornithologista inglez, tem alguma similitude com outra da America do sul, pertencente á familia dos *Cochlorhinques* de mr. Lesson, e conhecida pelo nome de Savacou (*Cancroma* Linn.)

O bico do *Balaeniceps rex*, que apresenta a fórma mais extravagante, é mui largo, e amarello nos machos, e arruivascado nas femeas. O centro da mandibula inferior é membranoso. Em torno dos olhos a cabeça é despida de pennas, e de côr amarella. Os olhos são pardos claros. Os tarsos são compridos e cobertos de escamas miudas.

A côr da plumagem é geralmente acinzentada no lombo e nos pés, e de um pardo desmaiado no peito.

As pennas do alto da cabeça formam uma especie de poupa. O tamanho d'esta ave será igual ao da Jabira da America. Os seus habitos ainda não são bem conhecidos na Europa, porque só existe o casal que mr. Gould trouxe para Inglaterra. Suppõe-se porém, que o *Balaeniceps rex* busca de preferencia as algôas da Africa, onde a sua voracidade encontra com

que saciar-se no prodigioso numero de reptis, moluscos e peixinhos, que ali vivem.

MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA.

IV.

Cervantes seguiu nas suas creações a ordem natural e logica, que a natureza não consente impunemente que transgridam nem os mais famosos e fecundos talentos litterarios. De todos os homens, que imprimiram na litteratura do seu paiz um cunho de nova e inesperada individualidade, de todos os homens, que á similitude de Camões ou de Shakespeare, gravam a sua effigie em relevo sobre a civilisação litteraria de um povo, é raro aquelle que começou a sua carreira triumphal, arremegando ao publico o seu poema original, e a obra prima do seu genio. Não é facil romper o fio das tradições litterarias de um paiz, assim como é impossivel, na ordem politica, apa-

VOL. II. — 3.^a SERIE.

NOVEMBRO 3, 1853.

gar a memoria das instituições actuaes para lhes substituir pelo impulso de uma intelligencia superior um regimen social inteiramente novo, e uma legislação sem precedentes e sem modelos. O talento reúne necessariamente nos primeiros dias da sua elaboração mysteriosa os elementos, que acha dispersos em torno de si. Os primeiros passos arriscam-se em imitações mais ou menos arrojados. As primeiras navegações regulam-se pelas ballizas, que deixaram os predecessores, e pelos mesmos cabos que elles dobraram, e foram marcando cuidadosamente na carta. Depois virá a reflexão reprehender o servilismo das copias. Depois o genio repugnará á carreira já trilhada. O pincel corrigirá a monotonia do original. A phantasia, respeitando ainda as formulas da litteratura que existe, esvoaçará mais desafogada. E a final, quando o verdadeiro genio se revela n'uma alma de poeta, e quando a inspiração reserve n'um cerebro creador e original, os antigos roteiros serão postos de lado, e o poeta, diante da natureza e orgulhoso dos proprios recursos intellectuaes, escreverá as paginas novissimas que desenham a sua propria individualidade, e que fazem do seu nome o symbolo de uma era litteraria.

Cervantes achou as letras embebecidas na contemplação das bellezas campezinhas, e absorvidas nos sentimentos pastoris. O alaúde dos trovadores tão sonoro e tão fertil nos romanceiros castelhanos, emmudecera nas Hespanhas, como em todas as nações civilizadas, pelas maravilhas da renascença. O sentimento guerreiro e patriótico tinha-se calado desde muito. A natureza real tinha cedido o passo a esta natureza de convenção, natureza pallida, insulsa, insípida, monotona e absurda, que tingia de um azul impossivel o céu das eclogas, que prateava de um brilho sempiterno a lympha dos ribeiros, que esmaltava de uma infinda primavera a viridente relva das campinas, e que affeminava o animo dos homens dando-lhes os candores pueris da insulsa vida pastoril. A singela, barbara, mas grandiosa epopéa do *Cid* era já n'aquelle tempo em Castella uma antigualha desenhada, que tinha descido do santuario das letras á condição plebeia, e que passára de ser erudição de gente letrada a andar em morgado litterario de velhas de soa-lheiro, e da plebe anaphabeta. Quem por aquelles tempos já cultos e recendentes de erudição e de reminiscencias classicas poderia tolerar as trovas muito nacionaes, mas muito rudes, muito originaes, mas muito desenfreadas dos poemas sagrados de Gongalo Berceo, do *Alejandro* de João Lorenzo, das cantigas escriptas em gallego pelo celebrado Alfonso X, o sabio, e do seu livro do *Tesoro*, ou da pedra philosophal, monumentos litterarios moldados na fórma invariavel do alexandrino mal accentuado e dissonante, ou do verso de arte maior repetido com uma prosodia barbara e uma versificação adulterina em triadas longas e prosaicas?

Qual seria o cantor arrebeçado e culto d'aquelles tempos, que ousaria repetir em salas, ou delectar a um auditorio cortezão versos *scencillos* (como o dizem os hespanhoes) á maneira dos do infante D. João Manuel, no seu famigerado *Conde Lucanor*, ou no estylo do chronista Ayala, o Fernão Lopes das Castellas? Quem se atreveria a lembrar, e a tomar por modelos as trovas incultas do arcepreste de Ylita, um dos primeiros e mais afamados trovadores do alvorecer litterario da peninsula? Quem, depois de ter ouvido Petrarcha gemendo, pela norma de Ovidio e de Tibullo, aos pés da sua Laura, creeria ouvir as expansões do amor ceremoniatico e perfumado na rudeza do arcepreste, quando invocando a intercessão da deusa de Paphos, dizia:

Señora doña Venus, muger de don Amor,
Noble dueña, omillome yo vuestro servidór.

Os cancioneros que depois se avolumaram, se bem revelavam n'uma sensivel transição as phases de uma perfeição sempre crescente, eram ainda e reprodução da mesma idéa poetica, e manifestações diversas do mesmo cyclo litterario. A poesia dos trovadores e dos troveiros dominava ainda n'elles soberanamente. A fórma tornando-se mais variada e mais perfeita pelas invenções da versificação contribuía a aplañar a aspereza dos primeiros ensaios, e os assumptos cavalleirosos, os grandes poemas, epopéas bastardas e puramente narrativas, as lendas piedosas, ou as homelias e as pareneses rimadas em versos interminaveis foram desapparecendo pouco a pouco da scena, até que os themas ligeiros, e os argumentos faceis e amenos vieram acercar a poesia castelhana antes da perfumada elegia latina do que dos velhos cantares dos trovadores.

Desde as coplas do marquez de Santilhana, desde as trovas de D. Henrique de Vilhena, e dos poetas fidalgos da cõrte de D. João II de Castella até ao *Labyrinto* de João de Mena, a differença é extraordinaria e o progresso da arte admiravel; mas o *Labyrinto*, apesar da belleza da invenção e dos primores desusados do estylo e do colorido poetico, não era um poema, que pudesse marcar a virilidade da litteratura castelhana, e dar-lhe pela sua auctoridade um logar honroso entre as modernas litteraturas européas.

João de Mena é porventura na ordem chronologica o primeiro poeta notavel da peninsula inteira, e um dos primeiros na serie dos talentos europeus. A sua nomeada não expira fóra da cõrte onde as suas trovas agradam pela sympathia da linguagem, e pelo amor proprio nacional. A sua reputação avassalla todas as Hespanhas, e ceifa louros abundantes na admiração e no entusiasmo dos trovadores contemporaneos. E sabido como o nosso infante D. Pedro, um dos grandes trovadores e litteratos que em seu tempo havia entre principes, se compraz no engenho de João de Mena, e como lhe exalta o estro n'uma das trovas mais citadas.

O *Labyrinto* porém não é infelizmente, para a gloria castelhana, um monumento sem modelo e uma invenção puramente nacional. Dos trovadores passara a poesia italiana á epopéa irregular e phantastica do Dante. De trovas e cancioneros passou tambem a poesia castelhana, em parte inspirada pela Italia, a tomar as dimensões austeras do poema dantesco no *Labyrinto*. O *Labyrinto* está para a *Commedia* na proporção da copia em miniatura para o modelo gigante de uma severa estatuaria. Mena é o Dante castelhano; mas o Dante reduzido, o Dante artificial e amaneirado. A fórma allegorica alliada ao mysticismo da idade media, a crítica dos personagens e das scenas da historia, a allusão mais ou menos transparente ás cousas do tempo, o pamphleto politico disfarçado na innocencia de uma fabula inoffensiva, e os arrosos censorios da imprensa liberal dos nossos dias pretendendo desculpar-se com as liberdades da musa, e com as licenças da inspiração; as idéas da geographia, da mythologia, e da sciencia d'aquelles tempos, disseminadas aqui e acolá, a politica e a philosophia, rimadas em versos mais ou menos felizes, o caracter de encyclopedia do seu tempo impresso n'aquelle poema, aparentemente desconexo e absurdo, eis os pontos de contacto que denunciam entre a *Commedia* do Dante e o *Labyrinto* do poeta hespanhol aquella identidade de pensamento e aquella similhança de execução, que só se explicam

plausivelmente pela relação immediata do modelo e da sua copia.

Estava já bem proximo o tempo em que as antigas fórmulas litterarias se deviam esquecer e pôr de parte para beber na cultura das musas classicas uma nova inspiração, e para adaptar á poesia castelhana os metros cultos e sonoros da Italia. Boscán, posto que de engenho mediano, teve a gloria de alliar o seu nome a uma era da litteratura peninsular. Foi elle quem, se não introduziu, ao menos fez commum nas Hespanhas os perfeitos endecasyllabos italianos, e quem deu o exemplo da versificação correcta e harmoniosa da escola de Petrarcha.

Com a nova fórmula, importada da Italia, a poesia peninsular perdeu os ultimos vestigios da sua antiga originalidade barbara, e a arte que lhe succedeu, se não teve o merito de ser nacional e por assim dizer autochtona, alcançou a gloria de ser mais perfeita, mais harmoniosa, e mais poesia do que aquella que substituíra nas Hespanhas.

De então para cá a poesia castelhana tornou-se quasi exclusivamente erotica e pastoril. As bellissimas eclogas da Garcilaso completaram a revolução, que Boscán apenas esboçára, e uma pleiade de poetas secundarios, mas assim mesmo illustres, trilham a senda, que os dous primeiros haviam victoriosamente inaugurado. Foram baldados todos os esforços reaccionarios da antiga poesia vencida e humilhada. Foi em vão que Castillejo se desentranhou em satyras mordazes contra os seguidores da nova religião poetica, alcunhados por irrisão com o cognome glorioso de *petrarchistas*. Foi debalde, que os zeladores do purismo barbaresco da lingua e do metro castelhanos, denunciaram a revolução litteraria como uma ramificação profana da grande reforma religiosa, que então, sob a inspiração ardente de Luther, trazia a Europa trabalhada, e os espiritos sublevados n'uma perigosa agitação. A reforma dos metros, e dos estylos de poetas não era felizmente subversiva para a crença e para a sociedade. A Hespanha, fecunda em invenções de repressão para os protestantes, que se erguiam aos centenares nas suas principaes cidades, e entre as mais elevadas cathogorias sociaes, como o provou ha bem pouco tempo D. Adolfo de Castro na sua *Victoria dos protestantes hespanhoes*, não tinha nem interesse immediato em contradizer a reforma das letras, nem os supplicios do santo officio poderiam empregar-se com fructo para fazer que um poeta preferisse como dogma os romances primitivos do Cid ás castigadas poesias de Garcilaso e de Mendoza. A revolução estava consummada, e Garcilaso, morrendo aos trinta e tres annos, com o titulo indisputavel de principe dos poetas castelhanos, e de Petrarcha hespanhol, tinha assegurado a victoria, e deixado modelos a copiar e uma trilha nova a seguir aos escriptores, que depois d'elle haviam de illustrar as letras hespanholas.

Desde Garcilaso até Fr. Luis de Leon, a poesia castelhana conservou o cunho da belleza classica que lhe imprimira a imitação italiana. Com a apparição de Jorge de Montemayor, a monotonia dos poemas bucolicos achou um momento de feliz interrupção com o gosto pela novella pastoril. Os Tytiros e os Menalcas não puderam ser desenthronizados e depostos da sua tyrannica dominação, mas alargaram as etiquetas do seu viver e do seu fallar, desprenderam-se das estreitezas da ecloga para se moverem, agitarem-se, viverem, e dialogarem no campo mais vasto e mais livre da novella. A *Diana* de Montemayor operou uma nova revolução na poesia castelhana, e excitou no mundo litterario este phrenesi de entusiasmo, e esta febre de imitação, que acompanha sempre o nascimento das creações inesperadas

e originaes, e que faz de um poeta o typo exclusivo da sua epocha litteraria, e a victima obrigada de contrafacções e de plagiatos.

Como mais tarde succedeu com o *Quijote* de Cervantes, a *Diana* de Montemayor, publicada pela primeira vez em Antuerpia em 1578, e seguida de numerosas edições, despertou o gosto das novellas pastorales, e convidou os imitadores a continuarem as aventuras bucolicas, que o poeta deixara apenas na sua primeira parte. Alfonso Perez publicou logo depois a segunda parte da *Diana*, e Gaspar Gil Polo, o mais conhecido dos seus continuadores, compoz e deu bem depressa á luz a terceira e ultima parte, que, se não emparelhou na invenção poetica, excedeu na belleza e na castidade dos versos, e quasi que obscureceu no esplendor da reputação, a primitiva *Diana* de Montemayor.

Taes eram as obras, que dominavam a litteratura hespanhola, quando Cervantes, deixando as armas, comprehendeu a subida vocação com que o fadára a Providencia, e encetou a sua comprida e gloriosa carreira litteraria. Sentindo em si o genio vellicar-lhe de continuo a intelligencia, Cervantes julgou ver uma revelação da poesia vulgar no que era incitamento e appellido para mais originaes e mais grandiosos commettimentos. Sentiu-se inspirado, e creu que era a versificação pastoril, que dominava no seu tempo, a que o estava chamando a continuar uma idéa já então exhausta, por largamente explorada. Quem sabe se elle teria já achado confusamente a fórmula em que moldou o busto meio-sublime e meio-caricato do seu heroe manchego? Quem sabe se lhe aconselhára a prudencia o tentar primeiro, em generos conhecidos e populares, o applauso do publico, antes de affronter os preconceitos do seu tempo e arremegar á imprensa uma obra sem modelo e sem preceitos conhecidos?

A *Galatea* seguiu as pisadas da *Diana*. Assim como de Montemayor se disse que poetisara na *Diana* a dama dos seus amores, de Cervantes asseveraram bons criticos, posto que boas razões o contradigam hoje, que figurara na *Galatea* as suas amorosas aventuras com D. Catharina de Salazar, a quem por aquellos tempos esposára.

A *Galatea* não correspondeu no applauso publico á expectação do seu auctor. Superior talvez em invenção, e sem duvida incomparavel em estylo á *Diana* de Alfonso Perez, e de Gil Polo, ficou muito áquem d'aquellas novellas pastorales na admiração do vulgo e no juizo dos letrados. É sem duvida, que as primeiras creações poeticas n'um genero são as que mais vivem na memoria e na sympathia da posteridade. Os auctores que vem depois, embora superiores em imaginação e em estylo aos que primeiro inauguraram o genero, vêem a sua estrella empallidecer diante dos clarões intensos com que esplende a fama dos seus predecessores. A *Galatea* era talvez mais opulenta de invenção, mais entretecida de amenos episodios, mais brilhante de colorido, e mais formosa de linguagem do que as *Dianas* do nosso portuguez Montemayor, e do seu continuador Gil Polo. Mas a *Galatea* era a quarta manifestação de um genero já cansado de imitações, e o publico saudou o poema de Cervantes como uma obra bem escripta, mas sem o applauso fanatico com que premiou a arrojada innovação no *D. Quijote*. Voga momentanea e olvido ou indifferença depois, eis a fortuna da *Galatea*, ignorada hoje por quasi todos os infinitos leitores da immortal novella do *Ingenioso Hidalgo*. Cervantes, que na celebre conferencia do barbeiro e do cura no *D. Quijote* deixou um monumento de critica quasi sempre imparcial, e de gosto poucas ve-

zes depravado, não poupou a sua primeira produção á severidade da analyse, e o juizo da *Galatea* resume-se n'estas palavras significativas do seu proprio auctor: « Su libro tiene algo de buena invencion, propone algo, y no concluye nada; es menester esperar la segunda parte que promete; quizá con la enmienda alcanzará del todo la misericordia que ahora se le niega. »

(Continúa.)

J. M. LATINO COELHO.



CASA ONDE NASCEU DESCARTES.

« E constante, » diz Baillet, « que Descartes teve por patria a Haye, na Touraine. E uma cidade, situada entre a Touraine e o Poitou, sobre o rio de Creuse, a distancia igual de dez leguas, pouco mais ou menos, entre a cidade de Tours e a de Poitiers, ao meio dia d'aquella, e ao nordeste da ultima. Não ha região na Europa, que possa ser preferida a esta parte meridional da Touraine, já pela temperatura do ar, e amenidade do clima, já pela bondade da terra e das aguas, já finalmente porque ali se encontra tudo quanto póde desejar-se para commodidade da vida. »

A nossa gravura representa a mais que modesta casa em que, segundo uma tradição constante, nasceu, no dia 31 de março de 1596, o maior philosopho da França, e póde dizer-se afoutamente, que dos tempos modernos.

Descartes foi baptisado a 3 de abril na igreja de S. Jorge de Haye. Sua mãe morreu poucos dias depois. Durante a sua infancia residiu na Haye, em du Perron, propriedade pertencente á sua familia, e por ultimo em Poitiers; até que seu pae se resolveu a ir estabelecer-se na Bretanha.

— O suicidio é um attentado de uma especie toda particular. Não ha cousa a que possa comparar-se, nem circumstancia que o possa justificar.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA,

FERNÃO GONÇALVES.

SEculo X.

VI.

O anel.

SABIAM muito poucas pessoas da prizão mysteriosa de Othoniel, e de segredo e da maior confiança eram todas essas. Corrêra, comtudo, de bôca em bôca o rumor, de que dentro dos muros do burgo se tinha recentemente introduzido um espia. Depois o rumor foi tomando maior corpo: dizia-se que o espia residia na povoação havia mezes. Depois entrou a divulgar-se que era um espia do califa de Cordova. Depois já se ía espalhando, mas ainda com certa hesitação, que o espia era judeu. Ultimamente andava uma campainha, um pregão geral por toda a povoação, que um judeu, espia de Abd-el-Rhaman, assistia ali desde muitos mezes, correspondendo-se regularmente com o califa. Qual suspeitava tê-lo visto entrar para o bairro da judearia. Qual marcava a casa, onde elle morava. Qual imaginava, que um vulto rondava de noute a deshoras as avenidas do palacio do conde, e que esse vulto era o judeu. Qual tinha observado, que de tempos a essa parte uma figura desconhecida se intromettia em qualquer ajuntamento popular mais numeroso, que acontecia congregar-se. Havia até quem jurasse, que o espia era ainda moço, e lhe descrevesse as feições. Juravam outros, e apostavam até, que era velho, e que por signal tinha umas barbas brancas, e muito compridas. Estes boatos e altercações começaram em individuos isolados, que, como as gotas de agua, se foram chegando e condensando, e formaram grupos. Os grupos aggregaram-se a outros grupos, como umas ás outras se aggregam as nuvens pejudas de agua e de materia electrica; e esta massa volumosa de homens, de paixões, de receios, de odios e de preconceitos religiosos, desatando n'uma tempestade de clamores, de ameaças e de imprecações, caminhava, impellida, não se sabe por que vento, em direitura ao palacio de Fernão Gonçalves, quando das cavernas oraculares da tia Josefa entrou a soprar um vento contrario. Foi-se logo desfazendo a trovoadá politica ao sopro do mesmo Eolo plebeu, que talvez ajudára a accumulal-a; e applacou-se o leão popular ao toque dos sinos de S. Martinho, que não se poude averiguar por que milagre e tanto a ponto tocaram; mas que tocaram, correspondidos pelas vibrações sonoras dos campanarios de todo o burgo; vibrações, que a credulidade do vulgacho ainda hoje reputa muito efficazes, salva sempre a poderosa intercessão da senhora Santa Barbara, para afugentar os raios celestes, posto que a detestavel sciencia moderna teime em consideral-as um excellente conductor para os attrahir.

Amainado o temporal, saiu Othoniel da sala de armas. Ao atravessar a Vejarrua, acompanhado do seu gentil guia, ainda poude observar um monteiro, que tendo servido em vinho a fraca dóze do bestunto proprio, cambaleando, tropeçando e vociferando pragas capazes de rachar de meio a meio um pene-do, florecava o venabulo, e ameaçava com elle a todos os lobos, ursos e judeus de Castella e Leão. Os rostos agitados que viu, as exclamações de colera, que ouviu partir de alguns, já poucos e pequenos, gru-

pos, mostraram-lhe, que as reliquias desbaratadas do tumulto popular fumavam ainda como cinzas de um grande incendio, extinto de fresco. Elle, porventura, fôra a origem d'aquella conflagração agora apagada, que, pôde ser, accenderam palavras inconsideradas de Gonçalo Dias, ou de alguém indignado com a soltura de um inimigo tão perigoso.

Chegaram á praça principal de Burgos. Via-se ali uma casa, que no caio das paredes, proporções e elegancia comparativa da edificação, e por outras exterioridades ostentava uma certa apparencia aristocratica. Era a morada do honrado lavrador Mossem Martinho. A cara ametade do nosso velho conhecimento, que estava a uma das janellas, acenou ao pagem um d'esses imperceptiveis acenos, em que o amor industriou as feias e as formosas.

Em quanto Paquita, e o pagem, interessante collaborador matrimonial do cavalleiro-villão, se diziam essas bagatellas importantes, que a affeição improvisa, e a imaginação doura e engrandece, o judeu, que se deixára ficar parado a uma discreta distancia dos dous jovens interlocutores, attentando em um homem, que perpassava, conheceu-o e fallou-lhe. Fallaram ambos em voz submissa espaço de alguns minutos, até que se separaram, sem que o donzel, muito enlevado nas cousas celestes para se occupar das sublunares, dêsse tino d'isso. A final Argemyro, apartando-se a custo d'aquelle ponto magnetico, a cuja attracção não pudera resistir, voltou á companhia, prosaica e taciturna, de Othoniel.

Caminharam até saírem ás portas do burgo. Mesmo no arrabalde rondavam partidas de bêsteiros e homens de chuça. A estes mais de uma vez foi mostrado o anel do conde, passe sem o qual seria tolhido o transito aos nossos dous viandantes.

As habitações suburbanas, por onde estes iam passando, não eram mais que choupanas. Vestidas de paredes de pedra solta, coroadas de tectos de colmo, enriquecidas com o seu pequeno campo, onde crescia hortaliça e verdejava alguma arvore de fructo; onde pasciam ás vezes o carneiro ou a vacca em paz não interrompida com as aves domesticas, que espiçavam nas folhas lanceoladas da relva; onde quasi sempre um regato depositava a sua lymphá preguiçosa, compunham o matiz da vida campestre, cujo quadro intimo completavam n'aquellas toscas moradas os rusticos habitadores. Para estes coava-se o ar mais perfumado e mais puro, eram as auroras mais encantadas, o sol lançava esplendores, e a noite tinha estrellas, e tinha sonhos tranquillos. Se estes bens a inveja de uma sociedade madrasta os castigava com leis odiosas, o attrito de nove seculos, decorridos desde então, não tem bastado para gastar o stygma, que ellas marcaram na fronte do homem de trabalho. Desde o grande resgate do Golphtha, muitos captivos se tem remido das prepotencias da terra; mas não se ergueu ainda mão, que até o ultimo fuzil limasse os ferros das maiorias opprimidas.

No fim do povoado corria o caminho entre dous lanços de muro parallellos. Apenas entraram n'este caminho os dous viandantes, com a maior dissimulação e sem mecher a cabeça começou Othoniel a lançar os olhos em frente e para os lados, como quem buscava e esperava alguém. No sitio, onde rematava o muro, e se abria uma planicie semeada de oliveiras, parou o pagem.

Á sua direita, em memoria e expiação de um assassínio atroz, perpetrado ali haveria meio seculo, erguia-se uma cruz de pedra, já tostada pelos annos, e em cuja baze florejavam margaças, em quanto no tronco vegetava o musgo e o lichen. A seus pés sus-

surrava um arroyo, humilde servo feudal, que agora na estação das seccas apenas bebia os sobejos, que trasbordavam da urna do seu opulento suzerano, o Arlanção; mas que no inverno, engrossando com as chuvas, se transformava em ribeira caudalosa, como attestava o renque de poldras postas ali para dar vau aos caminhantes na quadra invernosá, as quaes durante o estio serviam apenas de pejamento á mansa corrente, que, topando n'ellas, murmurava com brandura as suas notas queixosas. A distancia de uns cem passos em frente, encostado a uma das arvores patriarchaes, que sombreavam a planicie, estava um homem em trajos servís, segurando pela redea um cavallo arreado; e prolongava o pescoço, parecendo reparar no judeu e no donzel. Mais longe, nas elevações do terreno, ao sopro de um norte rijo, moviam rapidamente as azas dous moinhos, e de ora em quando assobiavam, se bem que frouxos pela distancia, alguns sons perdidos das suas bosinas. Uma azenha suppria porém, com o seu basso sustentado e estrugidor, as pausas da muzica monotona dos moinhos de vento. N'este instrumental dos campos soava a revezes uma nova corda estridula. Era o ruxó-xó longinquo dos guardas, que enxotavam as aves das searas.

— «Creio,» disse para o judeu o pagem, que fizera alto ali; «creio, que d'aqui em diante não encontrareis embaraços na vossa jornada, e que o cartaz, que levas, de sua honra será sobeja segurança para vós. A minha companhia é já agora desnecessaria. Deos vos guarde.»

Com quanta affabilidade se pôde confeitar uma physionomia sombria e sinistra, respondeu-lhe o judeu:

— «Mossem pagem! Se me é licito quebrar este obstinado silencio em que temos caminhado, falhei para vos render mil graças pela vossa cortezia.»

— «Não tendes que me agradecer: cumpri as ordens de sua honra.»

— «Á bondade do meu guia não tenho eu mimmo, com que dignamente pague. Mas parece-me que este anel de rubis de Malaga,» disse Othoniel, offerecendo-lh'o, «poderá servir-vos de prenda, ainda que muito insignificante, para a menos favorecida das vossas apaixonadas. Desculpa-me o atrevimento.»

Argemyro virou para o lado o rosto cheio de tedio, e com um aceno da mão direita repulsou desdenhosamente a offerta.

— «Não é digna de vós, bem o sei;» insistiu o judeu, armando-se d'uma paciencia inconciliavel com o seu orgulho: «entretanto repara na arte, com que está obrado este anel. Tal, como o vedes, saiu da mais famosa ourivesaria de Cordova. O anel de sua honra de certo val mais do que este no pezo, no prego das pedras; no valor moral não fallo, que para esse não ha balanças, marca de contraste, ou estima de lapidario; mas no feitio aposto...»

— «No feitio!» interrompeu com vivacidade o pagem, sacando ao mesmo tempo da algibeira a caixinha de ouro, onde estava embocetado o precioso sinete, e fazendo-lhe saltar a mola. «No feitio!... Vede, se o feitio dos nossos artistas tem que invejar aos mais insignes de Cordova!»

O judeu aproximou-se mais de Argemyro; abaixou a cabeça como para melhor examinar o anel do conde; arrancou n'um lampejar de olhos o punhal, que trazia á cinta; e deitando, com a mesma rapidez, a mão esquerda á gola do pagem, vibrou-lhe ao peito uma punhalada, que lhe traspassára o coração, se o donzel por um movimento machinal não aparasse o golpe no braço esquerdo. Com igual presteza deu um violento empuchão ao mancebo, fazen-

do-o cair sobre as poldras tão desamparadamente que perdeu os sentidos. O assassino arrebatou então do chão, para onde saltara das mãos do pagem, a caixinha com o sinete. Como se a alma lhe oscilasse duas vezes entre o impulso da vingança e o desdem de vingar-se, duas vezes levantou e afrouxou o punhal. Cuspiu depois nas faces do pagem; meteu na bainha o ferro; correu como relampago para a oliveira, onde o estava esperando o homem com o cavallo á mão; saltou de um pulo na sella; virou os olhos para o sitio onde jazia Argemyro sem dar acôrdo de si; volveu-os circularmente para todos os lados; e, seguro de que não fôra observado, nem era seguido, deu ao conductor uma bolsa com dinheiro e um breve recado; cravou as esporas no cavallo; e este, que provavelmente era da opinião do cavalleiro quanto á urgencia da fugida, desapareceu a todo o galope.

O conductor, vestido do arbigam e zorame de burel — como por aquellas eras trajava o homem do povo em Castella — tendo um instante seguido com a vista o cavalleiro que fugia, voltou-se para a banda das poldras, e enxergando o vulto do pagem ainda prostrado por terra exultou n'uma risada amarga e selvagem: « Ah! ah! Como dorme o giaur! » Mas afigurando-se-lhe logo em seguida que o vulto entrava a mecher-se, largou a quanto pernas podiam para o lado dos moinhos.

(Continúa.)

ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA.

ESBOCETOS DA VIDA MILITAR.

II.

Moralidade.

A CONSCIENCIA dos direitos e o sentimento dos deveres, ou das obrigações devem formar no estado actual da sociedade, que se mostra tão desenvolvida pelos principios civilisadores, a base de uma razoavel e verdadeira subordinação. Não podemos jámais admittir esse imperio do sabre, que só reconhece a lei do mais forte; que, zeloso do seu poder, julga ser-lhe indecoroso todo o exame, ou observação propria de um espirito reflexivo e philosophico. O echo dos seculos, que deixámos volvidos, a historia e uma serie de tradições nos testificam, que a força armada tem apresentado quasi sempre certo espirito de excentricidade, que essencialmente a distingue e separa da sociedade, pondo-a em permanente hostilidade com as exigencias progressivas da verdadeira civilisação. São os interesses triumphantes, que sempre preferem a desordem ao progresso.

Na verdade, se remontarmos ás mais afastadas tradições, veremos o soldado, instrumento passivo de projectos liberticidas, elevando os primeiros tyranos ao poder, e fazendo-se executor dos seus mandatos.

Le premier, que fut roi, fut un soldat heureux.

Que foi a historia romana, durante os cinco ou seis seculos da decadencia do grande imperio, senão a historia dos vexames, dos excessos, e das iniquidades de uma soldadesca desenfreada e triumphante? Que era o legionario da epocha imperial senão o soldado dominador e oppressivo, sem fé, sem crença, sem outra lei mais que a acção imperiosa das

suas paixões e do ferro empunhado? Se por desgraça este cancro tem lavrado de geração em geração, possam os esforços da philosophia assegurar ás nações modernas a supremacia da justiça, e da igualdade no remanso da paz, e de uma bem entendida liberdade; possa o grande movimento das vias ferreas, arteriando as communicações entre os povos, trazel-os ao principio de uma união fraternal, constituindo-se, para assim dizer, n'uma familia, pela promptidão dos meios, e soccorros mutuos; possam as gerações, depois de terem lucrado uma parte importante na loteria das revoluções, alcançar um futuro lisonjeiro, deixando os povos de servirem de degráu para falsas grandezas. Se falharem porém estas tendencias salutaras, isto é, se fôr necessario que ás sociedades modernas presida o regimen da força para se manterem; se aos votos dos povos, reclamando os seus direitos, cõrresponder o canhão; se ao pensamento livre, mas guiado pela razão se lançarem cadêas; se um poder deslumbrador fizer officialmente a profissão da mentira; emfim se o vicio, a baixeza, e a traição escravizarem sempre a virtude, então é forçoso accreditar na decrepitude fatal de todo aquelle povo, que uma vez se elevou ao esplendor da sua gloria; é mister ter por infallivel a dissolução da sociedade; sim é necessario deplorar sem esperança a sua perda, chorando-a, qual Mario sentado sobre as ruinas... Ah! Foi um pensamento vivo, que involuntariamente nos fez descortinar este quadro assaz carregado; mas verdadeiro.

Voltemos porém ao nosso objecto. A base de toda a moralisação militar é a boa educação de familia, e a instrucção desenvolvida na maior escala possivel nas escolas primarias. A disciplina não consiste sómente na observação e desempenho das obrigações vulgares, proprias do exercicio das armas; mas é, ou deve respeitar tambem a pratica dos deveres mais reconhecidos pela sua importancia na ordem moral. Sem sciencia dos deveres e dos direitos, o homem não é mais do que um authomato, que póde tomar com a mesma facilidade, ou tão bem, a esquerda como a direita. É necessario, para se dar a boa constituição de um exercito, introduzir n'elle a salutar acção da moralidade e do verdadeiro civismo.

Aquelles que se dedicam á profissão das armas, devem remover do seu espirito o funesto prejuizo, que a honra consiste unica, ou principalmente no valor guerreiro, na bravura, ou na coragem; por certo alguma cousa mais se deseja do que estas virtudes militares. Devem convencer-se, tanto pela reflexão, como pelo exemplo de todos os grandes capitães, que só póde haver honra completa, verdadeira grandeza d'alma, e gloria duravel nas virtudes civicas e militares, estreitamente esposadas, isto é, no perfeito desempenho dos deveres de cidadão, na austeridade de principios e na sua pratica; e finalmente nos bellos sentimentos de fidelidade, de justiça, de dogura, de decencia e de urbanidade. Todo o soldado deve ser considerado duplicadamente criminoso no caso de conspirar contra a liberdade e vitas interesses do povo: na verdade dava-se quanto a este com mais força ainda, do que a respeito de qualquer outro cidadão, a prohibição de todas as especies de crimes e de delictos, ou de acções que possam offender a ordem publica. Como é possivel commetter-se-lhe a manutenção d'essa ordem, se elle proprio se entrega á desordem, ao desregramento? Como póde ser encarregado de reprimir os attentados contra as pessoas, contra as propriedades e contra a constituição do estado, menosprezando as leis e direitos sagrados, e ferindo até os costumes pelo seu procedimento? É impossivel defender e proteger ef-

ficazmente a sociedade, se o soldado não fôr o primeiro a observar as leis da moral, e a respeitar com religioso acatamento a liberdade.

Não nos devemos julgar superiores aos outros homens; porque mostrámos, ou tivemos effectivamente mais coragem, encarando os perigos da guerra; mas porque além d'esse desprezo da morte, houve o amor do bem, mais probidade, e um character mais humano. Ora é facil inculcar os grandes preceitos moraes, que devem inspirar, e acrisolar todas as acções. Certamente em nome da propria felicidade, e da verdadeira gloria póde ser impellido o soldado á pratica severa dos deveres de cidadão. Exaltal-o-hemos indubitavelmente, se lhe fizermos desejar a aclamação da posteridade; este desejo é assaz poderoso no homem. Attrahil-o-hemos ao amor da gloria, que se resume no assentimento e valioso voto dos seculos futuros, mostrando que a terra, que o viu nascer, a familia, o exercito, ou o corpo militar a que pertença, a sua epocha, e a patria emfim terão um nome na historia; e que esta será definitivamente honrada com as bençãos da posteridade, conforme o merito dos seus membros. Em summa gravar-lhe-hemos profundamente no seu coração o sentimento religioso, que só é capaz de fazer consolidar aquelle do dever, de inspirar com força persuasiva um espirito geral de ordem, e de manter ou communicar verdadeiro entusiasmo e patriotismo. *Deus, patria, humanidade e esperança*; eis os poderosos moveis, que unicamente podem inspirar a todo o homem a boa pratica dos seus deveres, e de uma obediencia facil.

J. C. DA SILVA,

Lente do Collegio Militar.

VIAGEM AO MINHO.

CAPITULO III.

Em que o auctor faz admiraveis considerações sobre muitas cousas importantes.

QUANDO se chega defronte dos estaleiros do *Ouro*, principia a sentir-se a respiração desigual e o susurro intermittente da *Marselha* peninsular. É um estrondo surdo, que parece o rugido comprimido das ondas no momento de rebentar a tempestade. Quando ouvi pela primeira vez aquelle murmurio abafado, pareceu-me o estertor de um povo, que agonisava; o derradeiro som de uma grande voz, que se extinguia; as ultimas notas de um hymno estridente, que se perdiam nas immensas abobadas do mundo! Eram harmonias de *Verdi*, que levavam apoz si o espirito e os sentidos. Eram os echos longinquos de um cantico religioso, que se desvanecia nos ares; porque a voz das florestas e a voz das cidades, como o murmurio das aguas e o brilho das estrellas, são os incensos, que a natureza faz subir ao throno de *Deus*!

Olhando *Douro* acima, do sitio do *Bicatho*, o viajante admira nma selva de mastros e vergas, um bosque de *arvores seccas*, que parecem plantadas nas aguas. Do alto d'essas arvores sem folhas desce um tecido complicado de cabos, que vem prender ao casco dos navios, semelhantes aos cipós e orchideas da *America*, descendo da corôa das palmeiras e prendendo-se á terra por novas raizes. Porém a vegetação luxuriante, os largos estames multicôres da flora americana, e as pétalas gigantescas, debaixo das quaes se abriga dos raios do sol uma familia de *tapuias*,

são aqui substituidas pela infinidade de bandeiras, que no tope dos mastareos representam as mil côres de cem nações diferentes.

Aproxima-se o vapôr. O fremito, o movimento, a vida que respira por todos os póros uma cidade commercial e maritima, sente-se, vive-se, por assim dizer, com ella. O viajante de *Lisboa*, o que nunca passou de viajar no seu paiz, porém que sabe, que póde conceber o que são, ou o que foram cidades commerciaes, apenas se desenvolve a seus olhos o bello panorama do *Porto*, ouvindo o arquejar da cidade, tem tentações de exclamar, como eu exclamei:

Ave civitas Virginis! Civitas Carthaginiensis!

«Que é isto!» estou d'aquí ouvindo dizer ao leitor; «para que exclamou em latim e não em portuguez? A que proposito vem esse pedantismo?» Perdão, leitor amigo, perdão; isto não é pedantice; eu não padego intermittencias de erudição balsa, como alguns escriptos por ali andam cheios d'ella, inchados de modo, que muitas vezes lhe rebentam os pontos com que foram mal serzidos os retalhos estrangeiros... Conheço-me no latim, graças a *Deus*! como em todas as cousas, e bem sei o pouco para que vale a minha sciencia; comtudo não me pude conter á vista do *Porto*, e aquella exclamação saiu involuntariamente da minha bôca, não sei se bem, se mal composta; agora hei de soffrer-lhe as consequencias.

Civitas Carthaginiensis! O *Porto* é a *Carthago* moderna; e como a antiga cidade onde a *miserrima Dido* buscava em vão o profugo *Dardanio*, tem dentro de seus velhos muros um povo commercial, maritimo e guerreiro. As virtudes civicas de seus habitantes fizeram d'elle o berço classico da liberdade patria, e mereceram-lhe o nome distincto de *cidade invicta*.

Oh *Porto*! *Porto*! que gloriosas recordações se ligam á tua historia! Oh, minha *Carthago*, quem sabe se eu verei ainda um novo *Mario* vir assentar-se sobre as ameias derrocadas de teus velhos muros, e chorar as vergouhas da sua patria entre os combros de tuas ruinas venerandas! Quem sabe se algum dia, a esta hora do crepusculo, n'este mesmo logar d'onde admiro agora tuas soberbas torres, virá o menezrel desconhecido encostar-se a um troço de columna, e cantar com amarga saudade, a desaparição da tua grandeza! Então, em vez d'este fremito, d'esta vida agitada e tumultuosa que hoje vives, estarão abatidos teus altos campanarios; estas grandes massas de argilla e de calcario, que parecem partilhar a existencia dos seus habitantes, perderão a brancura e a fórma; negras e carcomidas pelos seculos, confusamente ámontoadas umas sobre outras, semelhantes a ossadas collossaes de monstros informes, farão de ti um sitio de horror! A lua, projectando seu melancolico e pallido clarão por entre os destroços de teus edificios, indicará o caminho ao viajante, que passará silenciosamente por cima das tuas reliquias, como se fôra o genio da solidão! No pedestal do symbolo esquecido, sobre uma cruz abandonada, erguida ainda a dominar as ruinas, como representando a idéa unica de um principio indestrutivel, virá pousar o mocho, silencioso e triste como tu; a ave emblematica da sabedoria, será porventura o unico philosopho, que passe longas horas, meditando sobre os fragmentos de teus palacios e templos? A voz agoureira do corvo, irá por vezes interromper a profunda abstracção do meditador das ruinas, e pairando sobre elle annunciar no seu grasnar sinistro a proximidade do abutre. A ave de *Minerva* será immolada pela ave de rapina, em holocausto.

to ao anjo maldito do aniquilamento, sobre o mesmo altar, em que o apóstolo do Christo consagrava a verdade do Evangelho! Oh Porto! quem virá então escrever na tua profanada sepultura, um epitaphio como este:

Aquella gran ciudad, que fué, que ha sido
Nido à la fama, patria à tantas glorias,
Despojo es yá del tiempo, en sus vitorias
Ganado, por la parte de perdido.

Fenix es, de su polvo renacido
A vacilante vida de memorias,
Luz aun no defendida en las historias,
Del ayre turbulento del olvido.

Nada es alfin, la que se vió altanera,
Tan emula al Olimpo, quan vezina,
No la dexa aun ser polvo aquelle estrago.

Porque si fuera polvo aun algo fuera;
Pues que será la que se vé? ruina,
Lo que no se parece, esso es Cartago.

Agora, vives tu rica e florecente, á sombra da tua gloria, oh minha cidade querida; mas as revoluções dos homens, ainda mais do que as revoluções da natureza, fizeram desaparecer Thebas e Babilonia, Memphis e Carthago, que tambem eram ricas e florecentes!

Eu vi em Santarem, que não foi, como tu, o berço da monarchia, mas que tem bastante de que vangloriar-se na historia de seus altos feitos; vi o vandalismo campear impavido sobre as ruinas, demolindo e devastando em nome da patria!... em nome da liberdade!... Vi os templos magestosos transformados em cavalharices, as sepulturas espedaçadas, os ossos dos heroes e dos martyres da patria espalhados no chão da impiedade, partidos ás cronhadas, furados a ponta de bayoneta, e esmigalhados pelos pés dos cavallos! Que barbaros profanariam assim, arrastando-as no pó do aviltamento, as reliquias venerandas de seus honrados avós? Nas minhas peregrinações pela America, encontrei por vezes algumas tribus errantes de selvagens, que faziam consistir a maior parte da sua fortuna em possuir os ossos de seus paes, que levavam consigo para toda a parte, como um *amuleto*, de cuja perda resultaria a desunião da familia, ou a destruição da tribu! Nós, gente civilisada e culta, chamâmos superstição e fanatismo ás virtudes que não possuímos. Lá estão em Santarem, e apaguem-nas se pódem! lá estão nas paredes dos tumulos profanados, representando o progresso da civilisação, milhares de palavras torpes e indecorosas, parto immundo e repugnante de alguma erudição *tarimbeira*, que fariam corar de pejo as faces de um cafre. Ide vêr, e direi se ha penna, por mais mundana que seja, capaz de desculpar a destruição d'aquella terra monumental, tornada hoje um paiz de ruinas! Ide a Santarem, se quereis saber o pio uso que se fez dos templos. Vereis uma capella de magnifica architectura *muzarabe*, servindo para um mestre de musica ensaiar os seus nadas. Ali o vereis, encolerizado com os seus discipulos, fazer saltar os ornatos do tumulo de D. Duarte de Menezes, a golpes de palmatoria! Achareis os conventos e as igrejas servindo de palheiros e estrebarias, de tribunaes civis ou de quarteis militares. Onde outr'ora o sacerdote explicava suavemente a palavra Divina, troam agora os cantos devassos dos apóstolos da taberna!...

F. GOMES D'AMORIM.

ENSAIO DE UMA DISSERTAÇÃO HISTORICO-CRITICA
SOBRE OS FACTOS MAIS CONTROVERSOS DA HISTORIA
DO CONDE D. HENRIQUE, PRIMEIRO SOBERANO DE
PORTUGAL, E TRONCO DA AUGUSTISSIMA CASA REI-
NANTE.

SEGUNDO PONTO.

A sua jornada, ou jornadas á Terra Santa.

IV.

Porém que diremos ao famoso documento do livro preto da sé de Coimbra, que por duas vezes (e uma por extenso) nos aponta a era de 1141? Alguma cousa diremos, que venha a proposito, de que sem diminuir, nem ainda levemente, o credito das nossas antigas chronicas, eu lh'o asseguro muito maior, sem embargo de as combater n'este, ou n'aquelle ponto menos essencial e ponderoso. Remettendo os meus leitores para a integra, que sae pela primeira vez (1), pois até agora não houve mais que um extracto, eu farei mais algumas observações, a que daria maior largueza, se por acaso não fosse outro o sujeito principal dos meus estudos, e dos meus escriptos. 1.^a A contenda sobre a povoação da villa de Santa Comba, segundo se vê pelo decurso da escriptura, devia consumir algum tempo; e se a decisão final teve lugar em maio de 1103, segue-se necessariamente, que desde a primeira sentença da rainha D. Thereza até que as partes desavindas recorressem a tribunal superior, e ahi se pronunciasse o aresto definitivo, não se gastaram mais de dous mezes, visto que o conde D. Henrique só teria saído para a Terra Santa nos fins do mez de fevereiro d'aquelle anno. 2.^a Existe no cartorio do mosteiro de Lorvão o foral, que o prior Euzebio, e seu convento deram aos já moradores de Santa Comba e Treixede, o qual tem a data de 1140, ou 1102, pois acaba d'esta maneira: *Facta carta mense octobris era MCX, imperante Adefonso Rege Regnum Hispaniae Christianorum, cujus et obtinente genero comite Henrico Portugalem atque Vicinas, quarum una est Viseo, cujus in territorio istae supradictae sunt villae, obtinente eam quoque amabili duce Monio Veilat.* E como n'este foral não appareçam nem vestigios de controversia, ou disputa movida pelo alcaide de Bésteiros ao convento, e na escriptura, que se diz seguinte, ou do anno de 1103, se dê a entender, que apenas Fr. Euzebio intentou a fundação ou reedificação da villa, foi em continente impedido e estorvado de o fazer; quem sabe se esta data de 1103 mostra sómente, que tudo quanto occorrêra n'este negocio, e fôra ajustado entre as partes litigantes só tivera o seu complemento em 1103? Será este o unico lance, em que as escripturas antigas não devam seguir-se á letra nas suas datas? Ora tudo isto é necessario ter-se em grande conta, primeiro que se determine fixamente o anno da jornada.

(Continúa.)

— Sempre foi vileza atacar quem se não pode defender: mas nada iguala a torpeza da maledicencia, quando ella vae revolver as cinzas do homem, que já foi julgado por Deos, denegril-o no tumulo, perseguil-o no seio da eterna noute. Se alguém ha, que olhe com indifferença esta alliança monstruosa da barbaridade e da fraqueza, dá um bem triste documento da sua delicadeza e da sua moralidade.

BASTOS — MEDITAÇÕES.

(1) Veja-se a prova n.º 3.